

Uma Proposta Digital para o Gerenciamento do Acervo Arqueológico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas

Rafaela Nunes Ramos¹

Resumo

O presente artigo propõe demonstrar, por meio da evidência de que os vestígios culturais humanos são ferramentas fundamentais no desenvolvimento da pesquisa arqueológica, museológica e histórica, a importância de uma metodologia de gestão de acervo bem estruturada para dar conta da preservação dessas fontes. Este estudo está centrado na exposição de uma das metodologias utilizada pelo LEPAARQ/UFPel para o gerenciamento de acervos arqueológicos, isto é, um banco de dados digital para o armazenamento e a gestão das informações referentes ao acervo arqueológico salvaguardado, aos sítios e às doações realizadas ao laboratório, bem como na apresentação do que este sistema informacional (o software) proporciona.

Palavras-chave: Cultura Material; Arqueologia; Gerenciamento de acervos.

Introdução

A utilização de métodos de preservação da cultura material e das informações e documentações referentes a ela é de extrema importância, visto que, esta é a principal fonte da pesquisa arqueológica, museológica, e pode também ser utilizada como fonte histórica. Por meio desta constatação demonstra-se, aqui, as formas que o LEPAARQ vem trabalhando essa questão, ou seja, criando metodologias de organização (e sistematização) do acervo arqueológico. Como é o caso do desenvolvimento de um programa digital para a preservação das informações do acervo arqueológico, bem como para a recuperação otimizada desses dados para fins de pesquisa e exposições museológicas.

Este programa permite, essencialmente, o registro de sítios arqueológicos com base nos formulários do IPHAN; registro de doação de material arqueológico; inventário de peças arqueológicas em formulários específicos; controle da reserva técnica com localização de peças por caixa; controle da movimentação do acervo arqueológico; cruzamento de dados com geração de tabelas e gráficos; consulta de dados; entre outras funções.

¹ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas, Menstranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, pesquisadora associada ao LEPAARQ/UFPel - rafaxiaaa@hotmail.com

Cultura material - sua relevância para a pesquisa histórica, arqueológica e museológica

“A cultura refere-se, a um só tempo, ao mundo material e espiritual, não existe uma oposição entre os dois (...)” (FUNARI, 2006, p.13). Por meio dessa citação pode-se chegar à conclusão de que com a habilidade de abstração, o homem começa a interagir com o simbólico, bem como com a natureza, surgindo assim, a cultura material. Esta, também chamada de vestígios arqueológicos, sustenta um valor pragmático (de uso) e um valor imaterial (simbólico).

Segundo Foucault (1979), não se pode chegar a uma origem única dos fatos históricos de determinada sociedade, pois o que se encontra na origem histórica das coisas não é a sua identidade ainda preservada, mas sim a discórdia entre as coisas, o disparate (FOUCAULT, 1979). Cabe então ao historiador organizar esse “caos” pretérito abordado pelo autor, e uma das formas disso acontecer pode ser através do estudo dos vestígios culturais deixados pelas diferentes sociedades ao longo do tempo, ou seja, pela pesquisa arqueológica, tendo em vista que “a arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (FUNARI, 2006, p.15).

A arqueologia está vinculada com a antropologia, sendo assim faz parte da história, é a compreensão do gênero humano, constitui uma disciplina humanística, isto é, uma ciência humana, e como se ocupa do passado do homem, é uma disciplina histórica (RENFREW & BAHN, 1993).

Para o historiador, é de grande relevância a pesquisa vinculada aos vestígios arqueológicos, visto que, estamos imersos num mundo de coisas materiais indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquico e social, a cultura material participa decisivamente na produção e reprodução social (MENESES, 1994) e tem sido assim desde o surgimento da humanidade. Os artefatos não são apenas produtos, mas sim vetores de relações sociais. Através da cultura material entende-se o complexo fenômeno da apropriação social de segmentos da natureza física.² Entende-se então que a apropriação humana da natureza não é a-histórica, desenvolve-se sempre nos quadros de uma determinada organização social com um potencial produtivo definido (FUNARI, 2006). Com isso, fica clara a extrema importância da

² MENESES, 1983 apud MENESES, 1994.

conservação dos vestígios culturais, uma vez que são valiosas ferramentas de trabalho para os arqueólogos e historiadores.

Assim como para a arqueologia, o objeto é também para a museologia a principal ferramenta de trabalho, a qual tem o museu como uma “instituição voltada para a comunicação do patrimônio cultural preservado” (CURY, 2005, P.366) e o objeto como “vetor de conhecimento, comunicação e de construção de significados culturais” (CURY, 2005, p.367).

Para enfatizar o fato da importância dos vestígios culturais humanos para a museologia, trago para a discussão a autora Helena Dodd Ferrez que em seu ensaio “Documentação Museológica: Teoria para uma boa prática” (1994, p.65) afirma que a museologia é voltada fundamentalmente para três fatores distintos: a preservação, a pesquisa e a comunicação do patrimônio cultural e natural do homem. Consequentemente, constata-se que os museus são instituições estreitamente ligadas às informações de que são portadores os objetos de suas coleções. Assim, a autora atenta para o fato de que a cultura material (como veículo de informação) tem na conservação e na documentação as bases para transformar-se em fonte de pesquisa, bem como de comunicação, o que acaba por gerar e difundir novas informações.

Em relação à estrutura informativa do objeto, ainda sob o olhar de Ferrez, afirma-se que a cultura material é portadora de informações intrínsecas e extrínsecas, as quais precisam ser identificadas. As informações intrínsecas são desvendadas a partir do próprio objeto, de acordo com a análise das suas características físicas. As extrínsecas, são deduzidas através de informações documentais e contextual, ou seja, obtidas de outras fontes que não o objeto, permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram.

Vejamos então que o objeto é documento, entretanto, ele não fala por si, ele precisa de um “mediador”, que pode ser um historiador, um arqueólogo, ou um museólogo, o qual proporcionará um sentido para ele, utilizando-o assim como fonte para sua pesquisa científica.

O que faz do objeto um documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como um suco de limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. É, pois, a questão de conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance da sua fala. (MENESES, 1994, p.21)

Desta forma, pode-se considerar que a cultura material, em uma reserva técnica, é um documento em potência e, para que se transmute em fonte de informação, é necessário que

se proceda o seu processamento, organização, sistematização e investigação. Veremos, adiante, como a sistematização das informações referentes ao acervo arqueológico é desenvolvida no LEPAARQ através de um banco de dados digital.

Banco de dados digital - PGAArq (Programa para o Gerenciamento de Acervos Arqueológicos)

O programa para o gerenciamento de acervos arqueológicos do LEPAARQ constitui-se em um banco de dados digital (figura 01), que tem como principal função a organização e a gestão das informações relativas ao material arqueológico sob a guarda do Laboratório. O Software em questão foi desenvolvido em parceria com a empresa de consultoria ANPH, com a intenção de, futuramente, disponibilizar a consulta de dados referentes ao acervo arqueológico do laboratório via internet.

Instrumentos de pesquisa são obras fundamentais à pesquisa, pois remetem o consulente, com maior ou menor precisão, às fontes disponíveis. Essas fontes devem ter passado, portanto, por algum tratamento arquivístico prévio, visando a sua organização e identificação. Essa prática, contudo, não é corrente a não ser nos principais arquivos públicos e privados, os restantes contando com simples listagens desorganizadas do acervo, informando títulos e, quando muito, datas-limite (...). O iniciar de uma pesquisa exige a localização de fontes. De modo geral, é preciso verificar, ao se propor um tema qualquer, quais conjuntos documentais poderiam ser investigados em busca de dados. Poucas são as instituições arquivísticas, a exemplo do Arquivo Nacional, onde uma observação básica e preliminar pode ser realizada via internet, sugerindo possibilidades por meio da consulta das palavras chave e datas. A maioria dos arquivos públicos pouco disponibiliza via rede, tornando necessário o deslocamento físico (BACELLAR, 2006, p.51).

O laboratório em questão conta com um acervo bastante representativo, o que acabou exigindo o desenvolvimento de um programa de gestão que possibilitasse, ao mesmo tempo, armazenar dados e os dispor (recuperando informações) com rapidez e facilidade. Esse programa permite que os dados relativos tanto aos sítios quanto às doações e ao material arqueológico sejam armazenados de forma padronizada (sistematizada) sem desrespeitar as especificidades de cada um. A sua utilização permite que todas as informações sobre um determinado sítio, doação ou objeto arqueológico, fiquem reunidas, possibilitando assim, gerar relatórios completos a qualquer momento. Além de reunir e preservar esses dados, o programa agiliza a troca e a recuperação de informações para fins de pesquisa e curadoria de exposições museológicas.



FIGURA 1- Janela de abertura do programa.

Fonte: Banco de dados digital do LEPAARQ/UFPel

O funcionamento do programa é o mesmo para a consulta de dados como para as alterações feitas com o armazenamento de novas informações. Porém, as alterações só podem ser realizadas por responsáveis pelo gerenciamento do acervo arqueológico.

O acesso ao banco de dados exige uma senha, e no momento existe apenas a senha que possibilita a entrada no programa para a inclusão de novos dados, ou seja, o programa não está ainda apto para a consulta de dados sem o auxílio de quem trabalha com essa ferramenta. O banco de dados estará disponível para a consulta independente quando nele estiverem armazenadas informações de, pelo menos, 90% dos catálogos, aí então, ficará disponível uma senha de consulta. Todavia, isso não impede que pesquisadores o utilizem para localizar determinados materiais na reserva técnica do LEPAARQ, mas estes precisarão de ajuda do responsável pelo gerenciamento dessas informações.

Devido à impossibilidade de dispor neste trabalho todas as imagens do programa, a seguir serão descritas as opções existentes neste sistema informacional:

Cadastro de Sítios

A opção Cadastro de Sítios³ contém uma ficha de cadastro de dados intitulada Cadastro de Catálogos, com espaços para o preenchimento de informações respectivamente como número de catálogo do sítio; código do sítio; nome do sítio; descrição sumária da intervenção realizada no sítio; o local da intervenção; o município onde foi realizado o trabalho; o estado onde se desenvolveu a escavação; datas de início e término do trabalho. Nesta ficha de cadastro de dados é também possível incluir informações como as fontes de financiamento que patrocinaram a intervenção, bem como documentos a respeito do sítio. Dentro dessa opção existe também a possibilidade de incluir qualquer tipo de documento digitalizado a respeito do sítio (fotos, mapas, plantas, diários de campo, protocolos em geral, entre outros).

Além das informações mencionadas anteriormente, no Cadastro de Catálogos existem janelas com a possibilidade de cadastro de vários outros tipos de informações. A primeira janela abre a possibilidade de informar o nome do responsável pelo registro dos dados no software, bem como pela coordenação de campo, pelo projeto e pela pesquisa vinculados à intervenção arqueológica. Aqui também existe um campo para completar a data em que foi feito o registro no software.

Nesta mesma janela é possível relatar as atividades desenvolvidas em campo, pois o próprio banco de dados possui uma lista de atividades próprias que normalmente são desenvolvidas em trabalhos arqueológicos, sendo assim, a pessoa responsável pelo registro das informações apenas clica nos dados desejados, que já estão ali prontos.

A próxima etapa do Cadastro de Catálogos é completar informações sobre o terreno onde foi desenvolvida a escavação, neste espaço pode-se especificar dados básicos sobre o proprietário do terreno onde encontra-se o sítio, tais como nome, e-mail e telefone. Além disso, nessa mesma esfera informacional, há campos de preenchimentos para as dimensões do terreno, as medições e também para o acesso ao local.

Em seguida abre-se a possibilidade para armazenar informações mais específicas sobre a localização do terreno onde foi feito o trabalho arqueológico, ou seja, a delimitação da área por coordenadas e a cartografia. No espaço disponível para os dados sobre as coordenadas é possível preencher informações como ponto central, perímetro e outras referências de localização. Existe também um campo intitulado documento cartográfico, e nele, tem-se a possibilidade de informar a unidade geomorfológica, o compartimento topográfico, e também

³ O segmento deste software, nomeado Cadastro de Sítios, foi criado com base no Cadastro Nacional de sítios Arqueológicos (CNSA) do IFHAN.

indicar os rios e bacias da região. Aqui ainda é possível especificar o nome do projeto no qual se insere o trabalho arqueológico, bem como os outros sítios relacionados a ele.

A seguir, existe a possibilidade de informar o uso atual do terreno onde foi realizada a escavação, isto é, se ele é utilizado para a atividade urbana, para o plantio, se é via pública, pasto, estrutura de fazenda, ou se a área não é utilizada. Também nesta janela é possível preencher dados a respeito da vegetação do local, propriedade da terra (área pública, área privada, área militar ou área indígena), bem como informar a instituição responsável pela proteção legal do local.

Na parte do software intitulada classificação, existem campos para se fazer inferências sobre as categorias do sítio, tais como o tipo de sítio, a forma e o tipo de solo que compõe esse espaço. Há também espaços para relatar os elementos da estratigrafia do sítio, contexto de exposição do sítio, e definição de arte rupestre.

Em seguida há a possibilidade de informar dados sobre os vestígios, ou seja, relatos sobre as estruturas (áreas de refugio, de lascamento, de combustão, funerárias, manchas pretas, entre outras) encontradas durante o desenvolvimento do trabalho arqueológico, e também sobre os artefatos escavados.

O próximo link é referente à filiação. Neste espaço, se informa a filiação cultural (fases, tradições, entre outras) dos artefatos líticos, cerâmicos, e das artes rupestres.

A etapa seguinte é informar a integridade do sítio. Aqui, podem-se armazenar dados a respeito do grau de integridade do sítio, os fatores de destruição da área, e a relevância do espaço arqueológico.

O espaço referente às observações proporciona relatar ressalvas gerais do sítio, como também mostra um relatório completo da documentação produzida, isto é, a documentação armazenada no software.

Depois de feitas às observações sobre o sítio, tem-se a possibilidade de informar a bibliografia produzida a partir da intervenção arqueológica desenvolvida no sítio.

E, por fim, a parte destinada ao inventário do acervo arqueológico, onde fica exposto um relatório dos dados referentes ao material inventariado. Para incluir informações de uma nova peça ao inventário, basta clicar no link inventariar que será aberta uma janela com uma ficha de registro de inventário (ficha de dados gerais) a ser preenchida. Nesta ficha podem ser completados dados como número de catálogo; número da peça; código do catálogo; período referente ao material (histórico ou pré-histórico); tipologia do objeto; forma; função; cor; estado de conservação; localização do material na reserva técnica; entre outros.

Cadastro de Doações

Esta parte do banco de dados é diferenciada da mencionada anteriormente, neste espaço são preenchidas informações acerca da pessoa que realizou a doação ao LEPAARQ, e também sobre o material que foi doado. Os campos de preenchimento são relacionados especificamente ao número de catálogo; código da doação; nome do doador; data de doação; endereço do doador e município de moradia da pessoa que fez a doação. Também podem ser informados aqui dados como o local e município da coleta do objeto doado; descrição do objeto; data da coleta; bem como outras observações sobre a doação ou artefato arqueológico.

No campo intitulado Inventário, fica exposto um relatório da quantidade de materiais inventariados que já tiveram seus dados armazenados no programa, da mesma forma que no inventário do Cadastro de Sítios. Para cadastrar novas informações no inventário, o procedimento é também igual ao do Cadastro de Sítios, isto é, clica-se no link Inventariar e surge uma ficha geral para ser preenchida.

A etapa final deste cadastro é a inclusão de documentos. Nesta janela também fica exposto um relatório do tipo de documentação armazenada no banco de dados, como no Cadastro de Sítios, e para incluir novos documentos, o processo também é similar ao realizado no Cadastro de Sítios.

Considerações finais

Uma vez que, a cultura material é essencial para a pesquisa arqueológica, museológica, e conseqüentemente histórica, ela tem (como documento histórico) de passar por processos de gestão apropriados para a sua preservação. Assim como as fontes escritas, sonoras, visuais e audiovisuais são organizadas e inventariadas em arquivos, e são utilizadas como fontes históricas, os vestígios culturais humanos também devem ter os mesmos cuidados, e ser aproveitados da mesma forma como elementos de pesquisa para o levantamento de hipóteses históricas.

Sendo assim, evidenciou-se a importância da criação de um software que proporcionasse o armazenamento e a administração dos dados relativos aos vestígios arqueológicos que fazem parte do acervo arqueológico do LEPAARQ. Este acervo está relacionado às pesquisas urbanas realizadas ao longo dos últimos dez anos e às doações realizadas ao laboratório desde a sua instituição, e o qual encontra-se em processo de análise e organização. Este é constituído de milhares de peças, entre objetos e fragmentos relativos ao

cotidiano urbano de Pelotas desde a sua constituição, bem como dos habitantes indígenas que ocupavam a região antes dela ser urbanizada.

Conclui-se, então, que a decisão de utilizar a metodologia descrita anteriormente é fundamental para a preservação do acervo arqueológico sob a guarda do LEPAARQ, visto que, é essencial a criação de instrumentos específicos para a pesquisa, os quais busquem a organização e identificação das fontes históricas, neste caso a cultura material.

REFERÊNCIAS:

- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e Mau Uso dos Arquivos. In: _____ **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-79.
- CURY, Maria Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: Uma perspectiva teórico-metodológico para os museus. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v.12 (suplemento), p.365-380, 2005.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma boa Prática,. **Cadernos de Ensaio: Estudos de Museologia**, Rio de Janeiro: Mic. IPHAN, n.2, p.64-74, 1994.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006. 125p.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: _____ **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.15-37.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do museu Paulista**, São Paulo, v.2, n. ser, p.9-42, jan./dez. 1994.
- RAMOS, Rafaela Nunes; PEIXOTO, Luciana da Silva; ZORZI, Mariciana. PGAARQ-Programa de Gerenciamento de Acervo Arqueológico. In: Anais do I Congresso Internacional da SAB, XIV Congresso da SAB, III Encontro Nacional do IPHAN e Arqueólogos. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 223-224.
- RAMOS, Rafaela Nunes. **Gestão, Preservação e Informação: Uma Proposta Digital para o Gerenciamento do Acervo Arqueológico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas**. 2010. 59f. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueologia: teorias, métodos y prática**. Madrid: Akal,1993. 571p.
- TRIGGER, Bruce G.. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004. 477p.